

## **A dimensão do desassossego:**

### **Bernardo Soares, o menor, e a sua “epopeia pobre”**

Joana Matos Frias

*Universidade do Porto*

#### **Resumo**

A partir de um juízo difundido por Alfredo Margarido em ensaio publicado no importante nº 88 da *Colóquio/Letras* dedicado a Pessoa em 1985, por ocasião do cinquentenário da sua morte – e no rescaldo do aparecimento em dois volumes do *Livro do Desassossego* editado por Jacinto do Prado Coelho, com Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha (1982), bem como do subsequente 2º *Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos* (Nashville, 1983) –, procurar-se-á reconstituir e rever um conjunto de argumentos críticos que, na recepção portuguesa e na brasileira, de imediato se concertaram em torno desse evento editorial no sentido de minorizar o *Livro* e o seu Autor, apresentando-os como subprodutos da criação pessoana.

#### **Palavras-chave:**

*Livro do Desassossego*, Bernardo Soares, Prosa

#### **Abstract**

This essay is based on a judgement made by Alfredo Margarido in an essay published in the important issue no. 88 of *Colóquio/Letras* dedicated to Fernando Pessoa in 1985. Margarido's essay was published on the occasion of the fiftieth anniversary of Pessoa's death – following the appearance of *The Book of Disquiet* edited by Jacinto Prado Coelho, with Maria Aliete Galhoz and Teresa Sobral Cunha (1982), and the subsequent 2nd International Congress of Pessoa's Studies (Nashville, 1983). This paper tries to reconstitute and review a set of critical arguments which, in the Portuguese and Brazilian critical reception, immediately set out to minimize the Book and its Author, presenting them rather as by-products of Pessoa's work.

#### **Keywords**

*The Book of Disquiet*, Bernardo Soares, Prose

(...)

*A moda é o Pessoa, coitado: dá para tudo;  
e a culpa é dele, com aquela comovente  
incapacidade para ser ele próprio.  
De nada lhe serviu ter dito e redito  
que a fama era para as actrizes.  
Que vocação de carneiro têm as maiorias:  
não há fúfia universitária ou machão  
fardado que não diga que a pátria  
é a língua ou a puta que os pariu.*

(...)

*Coitado, pensava ter tempo para pôr ordem  
na arca, mas a morte veio antes da bora.*

Eugénio de Andrade, “A Vitorino Nemésio,  
alguns anos depois”, 1983  
(*Ostinato Rigore/ Epitáfios*, 1984)

*O género poético romântico está ainda em transformação; a  
sua própria essência é só poder eternamente transformar-se e  
nunca se perfaçer. Nenhuma teoria o pode esgotar, e apenas  
uma crítica divinatória poderia arriscar-se a caracterizar o seu  
ideal.*

*Athenaeum*, Frg. 116

*O Livro do Desassossego é uma armadilha infernal para a  
crítica, que nunca poderá dominá-lo como “obra”, nem  
descartá-lo como “lixo”.*

Leyla Perrone-Moisés,  
“O lixo/luxo de Bernardo Soares”, 1983

Em matéria de assuntos pessoais, a década de 80 do século XX parece ter sofrido de um problema de bipolaridade crítica ou pelo menos receptiva: por um lado, tratou-se de um tempo de efemérides, marcado pela passagem dos 50 anos da morte do poeta em 1985 e pelo subsequente festejo dos 100 anos do seu nascimento em 1988, tendo sido ambas as datas responsáveis pela proliferação quase incontínente de eventos culturais, editoriais e académicos; por outro lado, não menos significativo, verificou-se um distanciamento muito generalizado dos poetas portugueses em actividade face a Pessoa<sup>7</sup>, afastamento esse que em regra se exprimiu – como evidenciam os versos de Eugénio de Andrade aqui em epígrafe –, a partir de um repúdio declarado da vertigem académica que parecia então simultaneamente mitificar e devorar o poeta e respectiva obra<sup>8</sup>, se é que os dois gestos (o de mitificar e o de devorar) não se tornaram então precisamente sinonímicos. No meio deste alvoroço de sentimentos e ressentimentos dos ocidentais, o pobre *Livro do Desassossego*, vindo a lume no início desse decénio e logo batido, debatido e combatido em dois grandes congressos internacionais e em inúmeros artigos, apresentou-se como uma espécie de bode expiatório de que a já muito conhecida fórmula “A minha pátria é a língua portuguesa” seria exemplar metonímia<sup>9</sup>, tão treslada e mal-amada quanto o esgotadíssimo *ut pictura poesis* horaciano.

Tal resistência, porém, situada na esfera da significação histórico-literária do cânone da poesia portuguesa pós-pessoana, inscreve-se por isso mesmo no domínio da criação artística, que não é o que aqui especificamente interessa, a não ser na medida em que ela é activada em virtude de uma mediação: digamos que os versos de Eugénio de Andrade são neste aspecto o sintoma de uma mudança essencial nas modalidades do processo agonístico, que parece ter prescindido da mais originária luta corpo-a-corpo (Eugénio vs. Pessoa) em função de um modelo triangular, menos espontâneo, menos literariamente dialogante, e mais regulado pela interferência da figura arbitral que seria a figura crítica ou académica.

---

<sup>7</sup> É neste aspecto muito sintomático que o conhecido ensaio de Eduardo Lourenço sobre “os filhos de Álvaro de Campos”, publicado originalmente em 1966, só contemplasse ficcionistas.

<sup>8</sup> Como tão informadamente demonstrou Fernando J. B. Martinho no seu artigo de 1985, “Pessoa em abismo nos anos 80”, ao convocar intertextos de Luiza Neto Jorge, Eugénio de Andrade, Armando Silva Carvalho, e de vários outros poetas em actividade na época (cf. Martinho, 1985: *passim*). Talvez a grande excepção a este repúdio seja o magnífico “início de uma narrativa” de Fiamma Hasse Pais Brandão, *O Retrato*, vindo a lume em 1979 e reeditado em 1985.

<sup>9</sup> O texto a que pertence a frase fora inicialmente publicado por Pessoa, com assinatura de Bernardo Soares, no n.º 3 da revista *Descobrimento*, em 1931, num processo de que deu conta em carta a João Gaspar Simões datada de 1 de Novembro: “Hoje e amanhã são para mim dias de máquina de escrever: tenho que passar a limpo um prefácio para um livro de versos portugueses de um judeu russo, e tenho que passar a limpo vários trechos do ajudante de guardalivros para a revista *Descobrimento*” (Pessoa, 1982: 67).

Em todo o caso, é certo que nos anos 80 esta força mediadora da academia começa a aferir-se por uma razão quantitativa que o aparecimento do *Livro do Desassossego* em volume visivelmente potenciou, pelo que tentarei aqui esboçar algumas notas em jeito de dominó, como gostaria Álvaro de Campos (“E os pensamentos em dominó, igual contra igual”; Campos 1992: 140), partindo da leitura de uma peça crítica específica, o ensaio de Alfredo Margarido intitulado “Bernardo Soares: *escrever é existir*”, incluído no importante número da *Colóquio/Letras* consagrado a Pessoa em 1985: significativamente, o n.º 88 da revista. O tributo abre com um poema de Carlos Drummond de Andrade, “As identidades do poeta”, cujo interesse maior residirá, a meu ver, menos no que ele transmite sobre a natureza das relações entre o poeta brasileiro e o português, do que no estabelecimento de uma espécie de programa prefacial da homenagem assente num dos *topoi* mais comuns da interpretação pessoana – a ênfase na debilidade do autor –, de que a heteronímia seria mero reflexo revelador, conforme se lê nos versos interpelativos

Afinal,  
quem é quem, na maranha  
de fingimento que mal finge  
e vai tecendo com fios de astúcia  
personas mil *na vaga estrutura*  
*de um frágil Pessoa?*  
(Andrade, 1985: 7; sublinhado meu)

Ora, se o outro ensaio que nesse número da *Colóquio* se dedica a Bernardo Soares e ao *Livro* pela pena de Leyla Perrone-Moisés não é sede para cogitações no âmbito do diagnóstico da fragilidade, por se circunscrever a problemas imanentes à obra (cf. Perrone-Moisés, 1985: *passim*), já o texto de Alfredo Margarido vem demonstrar o quanto a figura de Bernardo Soares se prestou involuntariamente ao reforço desse motivo, graças a um conjunto de argumentos presididos por uma espécie de falácia metaléptica que insistentemente violou as fronteiras entre níveis textuais, e também entre formas do conteúdo e formas da expressão, confundindo o estatuto sócio-económico-profissional da personagem Bernardo Soares com a sua qualidade enunciativa e autoral, e ainda com o seu valor funcional correlativo no campo mais alargado do sistema heteronímico. A caricatura rápida desta falácia seria: Bernardo Soares, que não é médico nem engenheiro mas um mero funcionário de escritório inferior em funções ao próprio Pessoa, como

cedo ressaltou Jorge de Sena na sua “Introdução ao *Livro do Desassossego*” de 1964<sup>10</sup>, só pode por isso produzir uma textualidade inferior à dos outros como obra, e esta condição duplicada faz dele o inevitável calcanhar de Aquiles do seu criador.

O *incipit* do texto de Alfredo Margarido é a este nível bastante sintomático, porque se organiza em torno de um campo lexical dominado por palavras como “interrogações”, “surpresas” e “desapontamentos” a propósito da publicação do *Livro*, questiona os critérios da edição de Jacinto do Prado Coelho (exercício recorrente na época), e remete de imediato o leitor para um artigo de Wilson Martins que havia sido publicado no Brasil em Julho de 1982 com o título “A sacralização de Pessoa”<sup>11</sup>. Desprovido de qualquer mérito hermenêutico, o texto jornalístico de Martins é notável enquanto exemplo da possibilidade de a prática crítica ser a orgulhosa enunciação de uma singular *gloria del niente*. A peça do crítico brasileiro começa num tom bem mais duro do que o de Margarido, podendo ler-se nas suas primeiras linhas: “Cada obra inédita de Fernando Pessoa que se publica (...) faz baixar um furo na sua estatura intelectual e lhe diminui o gabarito de poeta” (Martins, 1982: 5). E prossegue identificando aquilo que o leitor já sabia, ou seja, que o motivo da diatribe é a publicação do *Livro do Desassossego* por Prado Coelho, em quem Martins bate pelas incontornáveis razões ortográficas<sup>12</sup>, como bate em “alguns dos participantes do I Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos” por considerar que todos eles, editores e académicos, teriam contribuído para que Pessoa tivesse deixado de ser apreciado como “o grande poeta moderno que realmente é”<sup>13</sup>, passando a ser encarado como “um prodígio sobrenatural e cosmogónico, do qual só nos podemos aproximar prosternados e de preferência balbuciando palavras ininteligíveis” (*idem. ibidem*)<sup>14</sup>.

<sup>10</sup> Nos termos de Sena, poderia considerar-se a condição de Bernardo Soares “inferior à de Fernando Pessoa” ou “*menos do que ele próprio era*”: “ele fez do autor do ‘*Livro*’, ou do que nele o visitava como eventual e vago autor desse livro, *menos do que ele próprio era*” (Sena, 1984: 188).

<sup>11</sup> A publicação data de 11 de Julho de 1982, e não Junho, que é a informação constante na nota do artigo de Alfredo Margarido; cf. [http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_10/46060](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_10/46060).

<sup>12</sup> Uma boa parte do texto é ocupada com uma severa crítica à opção por parte dos editores de preservarem a ortografia original do texto pessoano, o que, no entender de Wilson Martins, “transforma ironicamente em escritor arcaico o poeta moderno e supostamente revolucionário Fernando Pessoa” (*idem. ibidem*).

<sup>13</sup> Wilson Martins prossegue alinhando-se pela proposta de Serge Fauchereau, de acordo com a qual Pessoa seria “apenas um componente, entre muitos, da poesia contemporânea”. Com efeito, Fauchereau dedica a Pessoa um dos capítulos do primeiro volume da sua obra, o que à partida colocaria o poeta português ao lado de Yvan Goll, Marinetti, Maiakovsky ou Tristan Tzara; mas não é tão certo que o ensaísta considere Pessoa “apenas um componente, entre outros”, desde logo porque, ao passo que os “outros” aparecem associados a “ismos” comuns a vários autores, como o Expressionismo, o Modernismo, o Futurismo ou o Constructivismo, o título que Fauchereau dá ao capítulo dedicado a Pessoa é “Fernando Pessoa, ses ismes et ses masques” (cf. Fauchereau, 1976).

<sup>14</sup> Martins faz referência explícita ao I Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos que tivera lugar em 1978, e remete para as *Actas* do Congresso, vindas a lume em 1979, mas não aponta especificamente quem seriam esses “alguns”, o que teria sido útil tendo em conta os mais de 40 participantes no certame.

A principal inquietação de Martins diz respeito à legitimidade da publicação póstuma de documentos inéditos, o que o leva a colocar lado a lado o despropósito da divulgação das Cartas de Pessoa a Ofélia Queiroz e o *Livro do Desassossego* propriamente dito, pois, no seu entender, os textos deste “nada revelam que não se soubesse e, aliás, depreciam um pouco do que pensávamos saber” (*idem. ibidem*). A retórica de Martins assenta sobretudo no princípio do *abandono* (o *Livro* seria um dos muitos planos “abandonados” por Pessoa), que por si só justificaria a não publicação da obra, mas a verdade é que em nenhum momento apresenta qualquer tipo de demonstração que valide os juízos que emite, nem procura o crítico debruçar-se sobre o texto do *Desassossego* enquanto matéria literária distinta das decisões editoriais e das reuniões académicas<sup>15</sup>.

Não vou aqui demorar-me na refutação deste ponto, o do *abandono*, uma vez que ela tem sido profundamente trabalhada ao longo de décadas pelos melhores especialistas, tendo tido recentemente um decisivo contributo com o estudo de Pedro Sepúlveda resultante do seu Doutoramento, e com a leitura que deste estudo propôs António M. Feijó (cf. Sepúlveda, 2012; Sepúlveda, 2013; Feijó, 2015)<sup>16</sup>. Em conjunto, tais trabalhos têm apontado no sentido essencial de se trocar a ideia de *abandono* pela de *projecto*<sup>17</sup>, o que modifica por completo a leitura interpretativa do aspecto processual da escrita do *Livro*: tratar-se-ia de o perspectivar, não como ruína ou resto

<sup>15</sup> No nº 8 da revista *Persona*, Leyla Perrone-Moisés qualificou logo como “intempestivos” os juízos de Martins, acusando-o mesmo de ter afirmado “erroneamente que o *Livro* era um *projecto* abandonado pelo Poeta” (Perrone-Moisés, 1983: 29).

<sup>16</sup> Note-se, a título de exemplo, que ao reconsiderar a célebre passagem de uma carta a Armando Cortes-Rodrigues em que Pessoa se referia à escrita do *Livro* com as palavras “O meu estado de espírito obriga-me agora a trabalhar bastante, sem querer, no *Livro do Desassossego*. Mas tudo fragmentos, fragmentos, fragmentos”, Pedro Sepúlveda observa que “o lamento relativamente ao estágio fragmentário da obra demonstra aqui a importância de um ideal organicista e de uma ideia de perfeição e completude da mesma” (Sepúlveda, 2012: 54). E António M. Feijó comenta: “Quando Pessoa se lamenta porque apenas produz ‘fragmentos, fragmentos, fragmentos’ para o *Livro do Desassossego*, está, no melhor dos casos, a dizer que só produz incoativos ‘pedaços’ empíricos desse género literário simples, definido tecnicamente como ‘fragmento’, mesmo que seja este último o que a composição do *Livro* vise. O tópico crítico da ‘estética do fragmento’ não é, pois, pertinente” (Feijó, 2015: 152). Na conclusão sucinta de Pedro Sepúlveda, por conseguinte, importaria “precisar a relação existente entre ‘uma caoticidade textual empírica’ e o modo como é ‘condicionada pela intenção expressa de Pessoa’ [citação de Gustavo Rubim], intenção esta que não cultiva essa caoticidade ou o fragmento como experiência estética, mas persegue uma ideia estruturante de livro permanentemente questionada e tornada impossível pelo dinamismo e a instabilidade da obra no seu conjunto” (Sepúlveda, *op. cit.*: 72).

<sup>17</sup> Há, naturalmente, várias passagens do *Livro* que poderiam validar a pertinência desta revisão, tais como: “Projectos, tenho-os tido todos. A *Ilíada* que compus teve uma lógica de estrutura, uma concatenação orgânica de episódios que Homero não podia conseguir. A perfeição estudada dos meus versos por completar em palavras deixa pobre a precisão de Virgílio e frouxa a força de Milton. As sátiras alegóricas que fiz excederam todas a Swift na precisão simbólica dos particulares exactamente ligados”; “Saber que será má a obra que se não fará nunca. Pior, porém, será a que nunca se fizer. Aquela que se faz, ao menos, fica feita. Será pobre mas existe, como a planta mesquinha no vaso único da minha vizinha aleijada. Essa planta é a alegria dela, e também por vezes a minha. O que escrevo, e que reconheço mau, pode também dar uns momentos de distração de pior a um ou outro espírito magoado ou triste. Tanto me basta, ou me não basta, mas serve de alguma maneira, e assim é toda a vida” (Soares, 1998: 278 e 55-56).

de um passado que não se consumou por incapacidade (essa temporalidade pressuposta no “abandono”), mas antes enquanto “fragmento de futuro” de sentido progressivo. A expressão é de Friedrich Schlegel (Bernardo Soares prefere falar nos “pós-escritos do perdido”<sup>18</sup>), e permite uma leitura muito instigante do problema e das mais decisivas matrizes românticas do desassossego<sup>19</sup>, como têm também sublinhado vários especialistas. Aliás, é até de lamentar que Schlegel não tenha sido o primeiro crítico do *Livro do Desassossego* (apesar de só António Mora mencionar com relevância o nome do pensador alemão), pois não parece muito despropositado pensar-se que Bernardo Soares seria um seu precursor, equiparável aos precursores de Kafka segundo Borges.

Mas regresso a Wilson Martins e ao seu texto, porque há nele dois pontos muito dignos de nota, que podem funcionar como indícios, ou mesmo índices, de certos assuntos críticos então marcantes no acolhimento da primeira edição do *Livro* em volume(s): um deles estaria no modo como Wilson Martins sugere que a obra de Bernardo Soares se situaria no mesmo plano que a correspondência de Fernando Pessoa com Ofélia Queiroz, proposta que poderia ser até bastante atraente, se não fosse neste contexto de uma grande impertinência; o outro, porventura potencialmente mais promissor, advém de um desafio irónico de Martins a propósito do que entende ser “a sacralização de Pessoa”: “por analogia com a história dos textos escriturais”, Bernardo Soares poderia, na sua perspectiva, “ser visto também como o quinto evangelista – o evangelista apócrifo” (art. cit.: 5).

O primeiro ponto, perigoso no que respeita à configuração de uma metodologia crítica, parte do princípio de que os textos que integram o *Livro do Desassossego* e as cartas que compõem a correspondência de Pessoa teriam o mesmo valor na leitura póstuma da obra. A confusão poderia ser interessante, mesmo que arriscada, se se fizesse no sentido inverso ao que subjaz às

<sup>18</sup> Diz Schlegel: “Um projecto é o germe subjectivo de um objecto em transformação. (...) O sentido dos projectos – esses fragmentos de futuro, poderíamos dizer – só difere do sentido dos fragmentos tirados do passado na direcção, aqui regressiva e ali progressiva” (*apud* Lacoue-Labarthe e Nancy, 1978: 101); e Soares (*op. cit.*: 87): “Vejo-me célebre? Mas vejo-me célebre como guarda-livros. (...) Morrerei como tenho vivido, entre o *bric-à-brac* dos arredores, apreçado pelo peso entre os pós-escritos do perdido”. A este respeito, parece-me particularmente relevante o sublinhado que, no exemplar de *Fragments d'un Journal Intime* de Amiel disponível na Biblioteca Particular de Pessoa, coloca em destaque a consideração “J'ai peur d'une synthèse imparfaite, fautive, et je reste dans le provisoire par timidité et loyauté”: na passagem, a palavra “loyauté” encontra-se reforçada por um sublinhado duplo (cf. Amiel, 1911, vol. I: XLVI-II).

<sup>19</sup> Curiosamente, quando Bernardo Soares declara, no início do fragmento 55 (*op. cit.*: 88), “Por mais que pertença, por alma, à linhagem dos românticos, não encontro repouso senão na leitura dos clássicos”, há um par de antíteses *in absentia* que naturalmente se estabelece – repouso vs. desassossego, leitura vs. escrita –, o que talvez nos permita uma interpretação não demasiado abusiva: nos antípodas da leitura repousante propiciada pelos clássicos, a escrita desassossegada só poderia ter uma matriz romântica.

palavras de Martins, isto é, se se fizesse no sentido de considerar que a correspondência poderia ser equacionada como uma peça da obra pessoana com valor idêntico ao das outras, aquelas em que a intencionalidade artística é evidente, como propôs José Martins Garcia nos mesmos anos 80, ao defender que em Pessoa o dramaturgo teria também inventado o epistológrafo (Garcia, 1985: 209)<sup>20</sup>. Ainda assim, o caso das cartas a Ofélia é obviamente muito distinto do das cartas trocadas com companheiros de aventuras literárias como Sá-Carneiro ou Casais Monteiro, uma vez que no diálogo com Ofélia a dimensão epitextual relativamente à obra quase se dissipa por força de uma dimensão, diríamos, epi-existencial, que é *marginalia* da vida mais do que da literatura. Ora, o que se conclui das palavras de Wilson Martins é que ele tem justamente em consideração esta *differentia specifica* quando procura igualar a publicação dos dois conjuntos de documentos (o *Livro* e a correspondência com Ofélia), lamentando-se porque os do *Livro* “nada revelam que não se soubesse”: quer dizer, o horizonte de expectativas que assim se estabelece é de ordem factual e não ficcional ou literária, reconhecendo-se ao *Livro* até então por vir uma promessa oracular de decifração que ele teria acabado por não cumprir.

Em grande medida, a frustração *voyeurista* de Martins é sinal de um problema crítico maior face ao *Livro*, que se exprimiu sistematicamente por duas vias: ou na confissão quase exasperada da flagrante dificuldade em estabilizá-lo num género; ou na complementar tentativa quase desesperada de forçosamente o enquadrar num género, preferencialmente de carácter diarístico. Dois motivos afins que eram já claríssimos na recensão do *Livro do Desassossego* que Robert Bréchon publicara na *Colóquio/Letras* n.º 72 de Março de 1983, onde começara logo por denunciar:

Só lhe falta a “forma” ou, na ausência dela, a dimensão temporal da *work in progress*<sup>21</sup>. Como Proust dizia da sua primeira narrativa, o livro não foi “feito” mas “colhido”. Poderia ele vir a ser, na sua

<sup>20</sup> “F. Pessoa, o epistológrafo, será tão dramático como os restantes *Pessoas*. (...) O dramaturgo inventa o epistológrafo e encarrega-o de esclarecer determinados aspectos da génese e do género num *corpus* intrigante”.

<sup>21</sup> “Temporal” parecendo equivaler aqui a “cronológica”. Veja-se, em contraponto, o entendimento que Pedro Sepúlveda propõe deste aspecto processual: “Como Pessoa sublinha num outro pequeno apontamento precisamente a propósito de Mallarmé e também do *Ulysses* de Joyce, tratar-se-ia em ambos os casos de uma ‘arte fixada no processo de fabrico’, caracterização esta que se adequa plenamente à sua própria escrita, ainda que não ao ideal que persistentemente reivindica e tematiza” (2012: 117). As cogitações de Pessoa sobre aspectos da Física da sua época, nomeadamente as que são produzidas por Serzedas em “O vencedor do tempo”, são a este respeito bastante esclarecedoras: “há analogia absoluta entre as naturezas (...) do tempo e do espaço, podendo dizer-se que o tempo é o espaço interior. Leva-me isto a conclusões de originalidade perturbante. Vi que, do mesmo modo concebido, o tempo se resolveria em *tempo*, propriamente dito, condição do momento, ou dos momentos; esse *momento* (correspondente a lugar, lugar do tempo) e em duração que é a mudança de momento para momento, como o movimento propriamente dito se é de lugar para lugar” (Pessoa, 2015: 152-153).



forma definitiva, um “tratado” ou um diário íntimo? (...) Teria bastado desenvolvê-lo para fazer do livro uma crónica ou mesmo uma narrativa. (Bréchon, 1983: 100)

Os juízos emitidos por Bréchon são tão mais interessantes quanto convivem no mesmo número da revista com um “Balanço do ano literário de 1982” assinado por Eduardo Prado Coelho, que abre com as seguintes linhas:

O ano de 1982 será assinalado por um acontecimento maior: a publicação dos dois volumes que constituem o material susceptível de ser integrado no projecto do *Livro do Desassossego* que Fernando Pessoa foi elaborando durante longos anos da sua vida. Esta obra, que assume o estatuto de uma obra que vive do seu próprio adiamento, que se sustenta como *des-obra*<sup>22</sup>, como impossibilidade de qualquer obra, como supremacia do fazer sobre o resultado, da produção sobre o produto, não podia deixar de suscitar as reservas daqueles que possuem uma *imagem feita* de Pessoa. Mas, por isso mesmo, constitui um desafio muito vivo colocado a todos os que se interrogam ainda sobre a obra de Pessoa. (Coelho, 1983: 5)

É muito tentador ler aquela “forma” que falta como *fôrma* que faz falta, não ao *Livro* mas ao Leitor; torna-se muito claro que a *fôrma* que faz falta corresponde a uma expectativa estética pré-moderna, ou pelo menos pré-kantiana e certamente pré-romântica, regulada justamente por uma ideia dominante da obra literária como manifestação exclusiva do *formosus* visto como *perfectus*, que excluiria da sua elaboração a possibilidade radicalmente moderna de o *disforme* (grotesco) e o *informe* (sublime) – ou, na expressão de Eduardo Lourenço, o “sublimemente intotalizável” – entrarem na equação (Fernando Cabral Martins virá justamente a falar na “fatalidade do informe”; 2000: 221). Por isso Bréchon conclui de imediato que “Talvez a interrogação não tenha sentido” (art. cit.: 100). Nesta matéria, talvez dois versos de “Fragment of delirium”, de Alexander Search, possam ser iluminadores: “Grotesque and odd are the shapes that rule/ In my brain as worms in a grave” (Search, 1999: 90); e embora fosse abusivo interpretar num sentido estético rigoroso as ocorrências do adjectivo “grotesco” e seus derivados em Pessoa, até porque em geral elas são claramente expressão de um significado muito vulgar do termo, não deixa de ser revelador que, em pleno *Livro*, Bernardo Soares registre: “Só a abstenção é nobre e alta, porque ela

<sup>22</sup> Certamente a versão portuguesa do “désœuvrement” exposto por Blanchot em *L’Entretien Infini*, avesso a dualismos reducionistas e promotor da actividade poética sobre o produto final que seria a obra.

é a que reconhece que a realização é sempre inferior, e que *a obra feita é sempre a sombra grotesca da obra sonhada*” (Soares, *op. cit.*: 277; sublinhado meu).

No caso particular da apreciação de Bréchon, fica claro que a expectativa da forma é de natureza genológica ou arquitextual, pois, num mundo ideal, o *Livro* seria um tratado, um diário íntimo, uma crónica, “ou mesmo uma narrativa”, rejeitando-se a legitimidade de ele ser o que efectivamente é: tudo isto e nada disto, à boa maneira blanchotiana (cf. Blanchot, 2005: 293)<sup>23</sup>. De todas as hipóteses aventadas por Bréchon, porém, foi sem dúvida a do diário íntimo que mais fortuna teve (mesmo quando Gaspar Simões o qualificou como “falso diário”<sup>24</sup>), com a imediata e inevitável consequência de se ter procurado submeter a organização dos textos ao princípio cronológico progressivo mais característico do género, dando-se assim resposta a uma nostalgia de ordenação datada que Bernardo Soares nunca exprimiu<sup>25</sup> (ao contrário do que aconteceria, por exemplo, na abertura de *La Nausée* de Sartre, também comparado ao *Livro do Desassossego* por Alfredo Margarido<sup>26</sup>). No respeitante ao ritmo e à sintaxe do *Livro*, seria decerto de algum proveito uma atenção mais consequente ao título que Pessoa projectou para o que poderia ter sido a obra contística de Bernardo Soares, *Taquigrafia* (cf. Pessoa, 2015: 230)<sup>27</sup>.

Julgo no entanto que o resultado mais decisivo de um tal desejo de formatação é aquele que as palavras de Wilson Martins (os textos do *Livro* “nada revelam que não se soubesse”) pressupõem, uma vez que, como sabemos, os géneros diarísticos promovem um pacto de leitura que

<sup>23</sup> E com óbvias ressonâncias de Mallarmé, ainda que devidamente temperado, conforme observaram já com detalhe Helena Carvalhão Buescu e Pedro Sepúlveda (Buescu, 2003; Sepúlveda, 2012).

<sup>24</sup> No 2º Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos, Gaspar Simões apresentou o texto intitulado “O *Livro do Desassossego*, um falso ‘diário íntimo’”, no qual, depois de restabelecer a relação da obra de Bernardo Soares com o diário de Amiel, propunha que o *Livro do Desassossego* “enquanto ‘diário íntimo’ pouco mais é que um logro” (Simões, 1985: 582), o que aliás ia ao encontro de algumas considerações já tecidas por Jorge de Sena na sua “Introdução ao *Livro do Desassossego*”. De qualquer forma, o discurso crítico foi sendo fortemente pontuado por esta classificação, com aproximações do *Livro* a obras alegadamente congéneres como a de Amiel, ou *La Nausée* de Sartre, ou até a *Confissão de um Homem Religioso* de José Régio, tendo tido ainda um contributo recente com o ensaio de Kenneth David Jackson “O *Livro do Desassossego* e o *Journal Intime*” (2014).

<sup>25</sup> Por outro lado, em 1983 Leyla Perrone-Moisés propunha já: “Podemos até sonhar com um ‘livro’ de páginas soltas, como cartas de baralho, que possam ser lidas em infinitos arranjos. (...) É fascinante saber que o *Livro do Desassossego*, coerente com seu título, será para sempre uma obra em movimento e mutação” (art. cit.: 28-29). Em certa medida, é justamente este conceito que subjaz a um projecto como o do Arquivo LdoD, que veio expandir com meios tecnológicos actuais a possibilidade de o *Livro* ser, nos termos de Fernando Cabral Martins, “definido como um hipertexto” (Martins, 2014a: 191).

<sup>26</sup> Logo na abertura de *La Nausée*, e ao contrário do que se verifica no texto de Bernardo Soares, o problema da ordenação cronológica é enunciado como uma angústia subjacente ao processo de escrita: “Le mieux serait d’écrire les événements au jour le jour. Tenir un journal pour y voir clair. Ne pas laisser échapper les nuances, les petits faits, même s’ils n’ont l’air de rien, et surtout les classer” (Sartre, 1938: 9).

<sup>27</sup> Note-se de resto que, nos projectos de Pessoa respeitantes ao *Livro*, “diário” seria apenas uma dentre várias secções da obra, equivalente em natureza e importância a secções como “Sonho triangular” ou “Sinfonia de uma noite inquieta”, deliberadamente visando a um protocolo de representação onirista.

satisfaz curiosidades empíricas, conforme alertou Gustavo Rubim no seu importante artigo de 2000 publicado também na *Colóquio/Letras*:

há, em torno do que se tornou no grande testamento imaginário de Fernando Pessoa, uma injustificada expectativa de revelações que ele não pode conter. (...) Sonha-se, de certo modo, que a familiaridade com o *Livro do Desassossego* é o máximo de intimidade possível com o autor que não se quis íntimo de ninguém. (Rubim, 2000: 216)<sup>28</sup>

Trata-se, em suma, de uma expectativa que tende a colocar o *Livro* num plano epitextual, no sentido intermediário que o conceito agencia: recebido como diário e não como *performance* de uma enunciação<sup>29</sup>, o *Livro* poderia funcionar como uma espécie de texto de intermediação entre a obra e o autor (não Bernardo Soares, mas Pessoa ele-mesmo), pelo que Bernardo Soares se converteria assim num mero *commentator* da vida de Pessoa e, muito especialmente, da obra verdadeira, da obra válida: da obra em verso. Quer dizer: o *Livro* seria um velório, e Soares, não o marinheiro mas a última das veladoras.

A uma atitude desta natureza subjaz uma flagrante hierarquização do verso e da prosa que, em muitos casos, se traduziu num assumido menosprezo pela segunda<sup>30</sup>, como denunciam as

<sup>28</sup> Não deixa de ser significativo o facto de Bernardo Soares, numa passagem bastante importante neste domínio, fazer uso da palavra “Confissões” (única ocorrência no *Livro*) escrevendo-a em maiúscula, ao contrário do que acontece com eventuais equivalentes como “autobiografia” ou mesmo “diário”. De certa forma, a opção parece indicar que “Confissões” corresponderia assim, não à identificação de um arquitexto, mas antes à subtil referência a um intertexto específico: “Invejo — mas não sei se invejo — aqueles de quem se pode escrever uma biografia, ou que podem escrever a própria. Nestas impressões sem nexos, nem desejo de nexos, narro indiferentemente a minha autobiografia sem factos, a minha história sem vida. São as minhas Confissões, e, se nelas nada digo, é que nada tenho que dizer” (*op. cit.*: 54; cf. o fac-símile do dactiloscrito BNP/E3, 3-17r disponível em [https://ldod.uc.pt/facs/bn-acpc-e-e3-3-1-88\\_0033\\_17\\_t24-C-R0150.jpg](https://ldod.uc.pt/facs/bn-acpc-e-e3-3-1-88_0033_17_t24-C-R0150.jpg)).

<sup>29</sup> No sentido que Barthes propõe à entrada dos seus *Fragmentos de um Discurso Amoroso*, numa passagem que poderia ser objecto da seguinte paráfrase: “Substituíu-se, portanto, a descrição do discurso diarístico pela sua simulação, e devolveu-se a este discurso a sua pessoa fundamental, que é o *eu*, de modo a levar à cena uma enunciação e não uma análise” (cf. Barthes, 1995: 11).

<sup>30</sup> Expressão de um preconceito bastante estranho, que na Modernidade já não teria qualquer razão de ser. Talvez o conjunto de reflexões mais emblemáticas a este respeito seja o que encontramos em *An Essay on Style* de Walter Pater, que em 1889 reconhecia à “prosa imaginativa” o estatuto de arte (idêntico ao da poesia em verso) e o papel de expressão da complexidade e da variedade “caótica” do mundo moderno. Para Pater, numa apreciação que em quase tudo parece adequar-se à leitura do *Livro do Desassossego*, esta prosa própria da experiência moderna seria ao mesmo tempo “meditativa, observadora, descritiva, eloquente, analítica, lamuriosa, fervente”, podendo até exercer “todos os variados encantos da poesia”, nomeadamente o do ritmo (Pater, 1889: 7 ss.). Bernardo Soares aprofunda justamente este tipo de deliberação: “Considero o verso como uma coisa intermédia, uma passagem da música para a prosa. Como a música, o verso é limitado por leis rítmicas, que, ainda que não sejam as leis rígidas do verso regular, existem todavia como resguardos, coacções, dispositivos automáticos de opressão e castigo. Na prosa falamos livres. Podemos incluir ritmos musicais, e contudo pensar. Podemos incluir ritmos poéticos, e contudo estar deles. Um ritmo ocasional de verso não estorva a prosa; um ritmo ocasional de prosa faz tropeçar o verso. Na prosa se engloba toda a arte — em parte porque na palavra se contém todo o mundo, em parte porque na palavra livre se contém toda

intervenções de Eugénio de Andrade e de Alfredo Margarido no nº 88 da *Colóquio/Letras*. Ao responder ao Inquérito “Fernando Pessoa visto hoje por poetas portugueses e brasileiros”, em particular à pergunta “Qual o aspecto da obra de Fernando Pessoa que se lhe afigura mais determinante na evolução e/ou no enriquecimento da poesia deste século?”, o poeta de *Ostinato Rigore* declarará muito peremptoriamente, logo na primeira linha:

Afastemos a prosa, pois não me parece determinante em nenhum sentido, embora reconheça que algumas páginas que Fernando Pessoa tão lucidamente escreveu sobre a sua criação poética ainda não foram superadas, e lamente que o *Livro do Desassossego* não seja o grande livro que seria se tivesse sido ele a publicá-lo. (Andrade, 1985: 129)

E Alfredo Margarido, depois da convocação de Wilson Martins que procurei reconstituir, não deixará também de assinalar que a primeira dificuldade do *Livro* residiria no facto de a maior parte dos textos preparados para publicação pelo próprio Pessoa entre 1929 e 1934 “não possuírem eles as mesmas qualidades estéticas ou plásticas dos grandes poemas de Fernando Pessoa ou de qualquer dos heterónimos. Contrariamente ao que se podia esperar, nem Fernando Pessoa nem esses heterónimos conseguiram – ou não quiseram – calar a subprodução concentrada em nome de Bernardo Soares” (art. cit.: 78).

A semanticidade de “subprodução” é aqui tendencialmente qualitativa e não, como no tecnolecto económico-financeiro a que pertence, quantitativa, quer dizer, a insinuação é a de que haveria por parte de Bernardo Soares uma produção inferior às necessidades dos consumidores/leitores no que respeita à qualidade textual da obra. E é neste ponto preciso que parece ocorrer com mais e mais graves consequências a falácia metaléptica anteriormente sugerida, pois só assim se pode compreender a rede de leituras que promovem uma espécie de identificação isomórfica (quase isométrica)<sup>31</sup> entre o estatuto sócio-profissional da personagem Bernardo Soares, a natureza autoral de Bernardo Soares no drama pessoano – refém dos termos que o próprio Pessoa foi usando, com destaque para os inevitáveis “semi-heterónimo”, “personagem” e

---

a possibilidade de o dizer e pensar. Na prosa damos tudo, por transposição: a cor e a forma, que a pintura não pode dar senão directamente, em elas mesmas, sem dimensão íntima; o ritmo, que a música não pode dar senão directamente, nele mesmo, sem corpo formal, nem aquele segundo corpo que é a ideia; a estrutura, que o arquitecto tem que formar de coisas duras, dadas, externas, e nós erguemos em ritmos, em indecisões, em decursos e fluidez; a realidade, que o escultor tem que deixar no mundo, sem aura nem transubstanciação; a poesia, enfim, em que o poeta, como o iniciado numa ordem oculta, é servo, ainda que voluntário, de um grau e de um ritual” (*op. cit.*: 228).

<sup>31</sup> Em suma, haveria uma relação isomórfica entre Bernardo Soares e o seu texto, dado que Soares é visto também como um fragmento de Pessoa, funcionando assim como uma espécie de réplica autoral das propriedades da obra; entramos numa outra espécie de falácia: já não intencional nem afectiva, mas propriamente textual.

“mutilação” –, e o nível da escrita e da obra<sup>32</sup>. Foi sem dúvida esta rede de sobreposições que veio a provocar um tecido receptivo baseado na quase automática associação entre *fracção*, *fractura* e *fragmento*, o que poderia ser até eventualmente produtivo se os três fossem co-hipónimos de um hiperónimo de sentido cósmico-literário: o *fractal*, conceito que talvez tivesse agradado pelo menos ao pouco euclidiano Campos, e que parece adequar-se bem a uma proposta como a de António M. Feijó, de acordo com a qual cada uma das peças textuais do livro seria a *performance* iterativa – ou serial – do mesmo gesto incoativo de emergência da Literatura (cf. Feijó, 2013b: 198)<sup>33</sup>.

Mas a melhor súpula deste mecanismo de leitura encontra-se numa outra passagem de Robert Bréchon produzida também nesses desconcertantes anos 80: “Bernardo Soares é, por excelência, o homem sem qualidades, reduzido ao denominador comum da condição humana. (...) o *Livro* é, por conseguinte, a confissão de um homem imaturo que nunca chegou a ser ‘alguém’” (Bréchon, 1983:101)<sup>34</sup>. Como no caso do evangelista apócrifo que Wilson Martins propõe e a que voltarei daqui a umas linhas, a analogia que Bréchon estabelece com o protagonista de Musil é rica de sugestões que o próprio Bréchon parece nem ter previsto, ao restringir a aproximação entre Soares e Ulrich ao facto de serem ambos denominadores comuns da condição humana<sup>35</sup>.

Oswaldo Manuel Silvestre demonstrou já a pertinência da articulação entre a história editorial e textual dos dois livros, num âmbito visivelmente mais alargado do que aquele que se circunscreve a temas e motivos conteudísticos relacionáveis com a composição dos dois protago-

<sup>32</sup> Claro que o próprio Bernardo Soares leva a cabo um conjunto de estratégias de auto-memorização – como quando proclama “Este livro é a minha cobardia” –, cujo carácter irónico nem sempre é certo, conforme denota a expressão escolhida por Rhian Atkin para intitular um ensaio seu, “Bernardo Soares, pig of destiny!”, colhida no próprio *Livro*: “Há porcos de destino, como eu, que se não afastam da banalidade quotidiana por essa mesma atracção da própria impotência” (cf. Atkin, 2013; Soares, *op. cit.*: 77). O tópico é comum a Álvaro de Campos (“Meus versos são a minha impotência./ O que não consigo, escrevo-o;/ E os ritmos diversos que faço aliviam a minha cobardia”), e a verdade é que, quando Soares convoca “o Sr. Verde empregado no comércio”, fá-lo para destacar, como assinalou António M. Feijó, não a poesia de Cesário, “mas a alegoria da sua vida” (Feijó, 2015: 148).

<sup>33</sup> Leitura que, além de tudo, permite rever o problema à luz do fragmento romântico, se concordarmos com Nancy e Lacoue-Labarthe que este pode mesmo ser “o género da geração”. Mais uma vez, a teoria de Serzedas exposta em “O vencedor do tempo” parece coadunar-se bem com o equacionamento do problema face ao *Livro*, dado que, no seu entender “o infinito numérico, *começa mas não acaba*, tem um ponto de partida mas não um de chegada” (Pessoa, 2015: 154).

<sup>34</sup> Neste mesmo ano, o texto que Bréchon apresentou ao 2º Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos (posteriormente divulgado no volume de Actas) ia exactamente no mesmo sentido: “Soares est un homme sans mémoire, sans histoire, sans biographie; et il est aussi un être inachevé, sans cesse à venir et pourtant sans avenir” (Bréchon, 1985: 95); no mesmo evento, também Angel Crespo propusera que “o Pessoa incompleto que é Bernardo Soares seria um Pessoa que não culminou o processo heteronómico” (Crespo, 1985: 143-144).

<sup>35</sup> Trata-se aliás de uma aproximação relativamente recorrente, identificável em propostas tão distintas quanto as de E. M. Melo e Castro, em *O Fim Visual do Século XX e outros textos críticos*, e de Richard Zenith, por exemplo (cf. Zenith, s/d: s/p: [http://www.congressointernacionalfernandopessoa.com/comunicacoes/richard\\_zenith.pdf](http://www.congressointernacionalfernandopessoa.com/comunicacoes/richard_zenith.pdf)).

nistas (cf. Silvestre, 2014: *passim*). Mesmo assim, este aspecto não deixa de ter os seus atractivos de leitura imediata, quer graças à condição “matemática” da personagem de Musil (aproximável do sentido próprio da função de *accountant* que Bernardo Soares desempenha), quer ainda, se quisermos aristotelicamente começar pelas coisas primeiras, menos óbvias mas porventura mais estruturantes, porque a primeira ideia do homem sem qualidades a que o Leitor tem acesso parece ser extremamente profícua para uma das linhas de leitura do desassossego genológico que o *Livro* de Bernardo Soares provoca. Trata-se da ideia segundo a qual

A actividade muscular de um burguês que segue tranquilamente o seu caminho durante um dia inteiro é consideravelmente superior à de um atleta que levanta uma vez por dia um enorme peso; (...) sendo assim, até os pequenos actos da vida quotidiana, na sua soma social e pela faculdade que têm de poderem ser somados, produzem infinitamente mais energia do que os actos heróicos; a actividade heróica acaba mesmo por parecer absolutamente irrisória, um grão de areia colocado no topo de uma montanha com a ilusão do extraordinário. (...) Talvez fosse precisamente o pequeno-burguês que presente a aurora de um novo heroísmo, enorme e colectivo, como o das formigas. (Musil, 1952: 11-12)

Eis o herói de Musil enunciando um dos princípios mais elementares do que poderia ser o ideal do *epos prosaico* schlegeliano na era democrática<sup>36</sup>, que Bernardo Soares tão claramente corporiza, como se o *Livro* fosse uma outra versão daquilo que na *Mensagem* António M. Feijó classificou como “odd epic” (Feijó, 1999)<sup>37</sup>. Em certa medida, não deixa de ser isto que Alfredo Margarido tem decerto em mente quando timidamente lança mão do conceito de “epopeia pobre”<sup>38</sup>, sabendo à partida que tal qualificação pode suscitar leituras tão erróneas e sumárias

<sup>36</sup> Numa das anotações coligidas em *Heróstrato*, Pessoa regista: “Somos incapazes de escrever, ou de querer escrever, ou de saber como se escrevem, epopeias. Em (pseudo)compensação, escrevemos romances” (Pessoa, 2000: 222).

<sup>37</sup> Trata-se do título original do ensaio, posteriormente coligido numa versão revista, em português, no volume *Uma Admiração Pastoral pelo Diabo* (2015).

<sup>38</sup> O conceito é apresentado por Alfredo Margarido na sua tentativa de formular uma analogia entre a actividade profissional de Bernardo Soares e o acto de escrita do *Livro*, quer dizer, numa proposta de nivelção dos produtos não necessariamente idênticos da *actividade* e da *acção*: “o livro de contabilidade revela outras formas de epopeia, sendo a comercial tão importante como as demais”; “uma escrita impõe, mais do que implica, a outra”; “Importa reter neste caso que as duas escritas se encontram directamente associadas por outro elemento metafórico: enquanto a escrita profissional conta a história epopeica da empresa Vasques e C<sup>a</sup>, a escrita não-profissional, simétrica da primeira, não pode contar outra coisa que não seja a epopeia de Bernardo Soares. Toda e qualquer escrita aplicada e profissional terá assim de desaguar na ‘epopeia’, embora esta não seja escrita em verso e antes consista em ‘lançamentos’ implicando acções comerciais, ou em ‘apontamentos’ do escritor”; “a escrita constituiu por isso uma epopeia, mas a epopeia singular da modernidade, tal como ela está ainda em via de ser constituída (...). Talvez se possa contestar a qualificação de ‘epopeia pobre’, que, não sendo embora a ‘epopeia do pobre’, não deixa de possuir algumas capilaridades com esta situação” (Margarido, art. cit.: 80-82). Cf. Feijó, 2013: 193: “The broken narrative of

quanto a do “homem sem qualidades”. Mas a verdade é que o reconhecimento do épico no *Livro do Desassossego* vem naturalmente perturbar os atestados de menoridade de Bernardo Soares, quer enquanto personagem (de escritório), quer enquanto escritor (de prosa).

A este propósito, lemos em Álvaro de Campos a formulação de todo o programa num único verso: “O conquistador de todos os impérios continua *sempre* ajudante de guarda-livros”, num poema que abre musilianamente com o verso “Quase sem querer (se o soubéssemos!) os grandes homens saem dos homens vulgares” (Campos, *op. cit.*: 299; sublinhado meu). Campos não se limita a conferir um estatuto heróico – isto é, épico – a Bernardo Soares, porque há naquilo que aqui apregoa um princípio muito particular de temporalidade ou de historicidade que o advérbio “sempre” concentra. Numa leitura imediata, esse princípio permitir-nos-ia interpretar as recorrentes aparições da palavra “deus” no *Livro*, se pensarmos que em geral elas ocorrem em contextos directamente relacionados com a concepção da obra e com o questionamento da escrita. Veja-se, a título de exemplo, o texto sobre *King Lear* de Shakespeare:

Não há método de obter a Perfeição excepto ser Deus. O nosso maior esforço dura tempo; o tempo que dura atravessa diversos estados da nossa alma, e cada estado de alma, como não é outro, qualquer, perturba com a sua personalidade a individualidade da obra. Só temos a certeza de escrever mal, quando escrevemos; a única obra grande e perfeita é aquela que nunca se sonhe realizar. (Soares, *op. cit.*: 277)

O que porém nesta passagem parece ser mais significativo é justamente a assunção de que “o nosso maior esforço dura tempo”, constatação que resgata o *Livro* de uma temporalidade cronológica para uma temporalidade assente na duração, isto é, num factor qualitativo fundado, para usar os termos certos de Eduardo Prado Coelho, na “supremacia do fazer sobre o resultado”.

Trata-se de um ponto importante porque nos recorda que, na obra pessoana e malgrado o ritmo intervalado da escrita, é o *Livro* que dura, o que faz dele uma espécie de *bíblia* no sentido mais literal e etimológico do termo, mas com uma significação necessariamente temporalizada: por isso Bernardo Soares admite “vejo-me célebre como guarda-livros. (...) Morrerei como tenho vivido, (...) apreçado pelo peso entre os pós-escritos do perdido”. O *Livro* como *Bíblia*, quer

---

his life as an office clerk, on a second floor of Rua dos Douradores, and his life as the shabby genteel tenant of a room, on a fourth floor of the same street, is an extended irony on an existence set on achieving, or at least incessantly pondering, literary glory. Pessoa’s book is in this sense close to a modern tradition of narratives detailing the sorrows of thwarted merit, from Rousseau to Balzac and beyond, as well as to a ‘bureaucratic’ fictional subgenre, from Melville to Kafka and beyond.”

dizer: reunião de livros porque os atravessa a todos; e Bernardo Soares, por conseguinte, o hiperónimo, *compiler* e não *commentator*, o guarda-livros como o guarda-florestal, ou como uma variação muito especial de Peter Kien, o protagonista do *Auto-de-Fé* de Elias Canetti que, no ano da morte de Pessoa, vem mostrar como uma biblioteca pode ser *cosa mentale*.

Quando Wilson Martins, apesar do cinismo, apresenta Bernardo Soares como evangelista apócrifo, não está muito longe desta perspectiva, que pela mesma época esteve subjacente às intuições mais perspicazes de Eduardo Prado Coelho<sup>39</sup>, de Leyla-Perrone Moisés<sup>40</sup>, ou ao conhecido ensaio de Eduardo Lourenço apresentado no 2º Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos<sup>41</sup> e posteriormente integrado no volume *Fernando, Rei da Nossa Baviera* (1993), “O Livro do Desassossego, texto suicida”, onde propunha já que “o Livro comporta todos os textos de Fernando Pessoa (...)” (Lourenço, 1985: 356).

Há um facto quase imperceptível mas muito aliciante na passagem da primeira para a segunda versão do texto de Eduardo Lourenço, a menos que a modificação se deva a alguma interferência de carácter editorial e não autoral: é que no texto que figura na colectânea de Actas do Congresso, o título não apresenta o ponto de interrogação com que foi fixado na sua versão em livro, “O Livro do Desassossego, texto suicida?” (1993: 81), como se tivesse entretanto havido a percepção de que “texto suicida” se ofereceria a leituras simplistas ou sumárias, carentes de problematização (curiosamente, fenómeno muito verificável nas leituras da “contra-revolução” que figura no título do famoso texto de Eduardo Lourenço sobre a *presença*, também ele com um importante ponto de interrogação acrescentado à sua segunda edição, e quase sempre branqueado). A verdade é que, com ou sem interrogação, com ou sem problematização, os

<sup>39</sup> Cf. Coelho, 1987: 48: “Se um grau zero existe, e pode aparecer como uma espécie de solo vertiginoso, ou mesmo pantanoso, da arquitectura pessoana, ele situa-se certamente no texto de Bernardo Soares (...). Aí (...) parece que todos os outros heterónimos são convocados para se conciliarem numa unidade estilística e temática”. Numa interpretação recente, Fernando Cabral Martins propôs mesmo que “Não há desdobramento heteronímico nenhum. O caso de Bernardo Soares excede o sistema de autorias que acabara de ser construído e expõe-no enquanto construção. Bernardo Soares é, estritamente, uma personagem. Mesmo que longe de ser uma personagem simples. (...) O Livro do Desassossego será tanto o laboratório da heteronímia – segundo a leitura de Eduardo Lourenço – como a instância da sua dissolução” (Martins, 2014b: 44).

<sup>40</sup> Perrone-Moisés, 1983: 28-32: “O discretíssimo Bernardo Soares (...) que sabíamos não passar de um semi-heterónimo cansado, agigantou-se de repente sob nossos olhos, com sua prosa extensa e intensa, tensa e densa. (...) E seria este realmente um quinto? Ou o Ele-mesmo disfarçado em quinto, onde os quatro se lavram, larvares? Síntese dos outros ou os outros sem eles mesmos? Mais gente ou menos gente do que os outros? Poeta maior, igual ou menor do que os outros?”; “As indagações suscitadas pelo Livro subentendem, quase sempre, a decisão pelo *mais* ou pelo *menos*. Quantos mais textos tivermos de “Pessoa”, maior ou menor ele fica? Quanto menores os textos de “Pessoa”, mais acabados e portanto melhores? Bernardo Soares é menos ou mais Pessoa do que os heterónimos plenos? (...) O que se pode colocar é o seguinte: o Livro do Desassossego não é mais nem menos do que a poesia pessoana: é *outra coisa*, e importantíssima”.

<sup>41</sup> No volume das Actas, há já 7 ensaios integralmente dedicados ao Livro.



sintagmas que sobrevivem das primeiras reacções ao aparecimento do *Livro do Desassossego* são todos desta natureza – “homem sem qualidades”, “epopeia pobre”, “lixo/ luxo”, “texto suicida” –, o que diz o suficiente do desassossego crítico que o *Livro* provocou. Efeito muito irónico se pensarmos que, para o seu Autor, o exercício da prosa lhe trouxe “sossego enfim”, conforme registou em Junho de 1934: “Sossego, sim, sossego. Uma grande calma, suave como uma inutilidade”. Pelo que “a paz, a prosa, o definitivo” estariam aqui (Soares, *op. cit.*: 407, 83).

## Referências

- AMIEL, Henri-Frédéric (1911) *Fragments d'Un Journal Intime*, 2 vol., Genebra, Georg et C°. Libraires-Éditeurs. Disponível em <http://bibliotecaparticular.casafernandopessoa.pt/8-7> [consultado em Setembro de 2018].
- ANDRADE, Carlos Drummond de (1985) “As identidades do poeta”, *Colóquio/Letras*, 88, Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, Novembro.
- ANDRADE, Eugénio de (1985) “Fernando Pessoa visto hoje por poetas portugueses e brasileiros” (resposta ao inquérito), *Colóquio/Letras*, 88, Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, Novembro.
- ARQUIVO LDOD: <https://ldod.uc.pt/> [consultado em Setembro de 2018].
- ATKIN, Rhian (2013) “Bernardo Soares, pig of destiny!”, in *Fernando Pessoa's Modernity without Frontiers*, org. Mariana Gray de Castro, Woolbridge, Tamesis.
- BARTHES, Roland (1995) *Fragments de um Discurso Amoroso*, Lisboa, Edições 70.
- BLANCHOT, Maurice (2005) *O Livro por Vir*, São Paulo, Martins Fontes.
- BRÉCHON, Robert (1983) Recensão crítica a *Livro do Desassossego*, de Bernardo Soares, *Colóquio/Letras*, 72, Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, Março.
- (1985) “La conscience et le réel dans le *Livro do Desassossego*”, in *Actas do 2º Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos*, Porto, Centro de Estudos Pessoaanos.
- BUESCU, Helena Carvalhão (2003), “Des livres du futur et du passé: Pessoa et Mallarmé (avec passage par Calvino et Ortega)”, in *Representações do Real na Modernidade*, org. Helena Carvalhão Buescu e João Ferreira Duarte, Lisboa, Centro de Estudos Comparatistas/ Colibri.
- CAMPOS, Álvaro de (1992) *Poemas de Álvaro de Campos*, ed. Cleonice Berardinelli, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- COELHO, Eduardo Prado (1983) “Balanço do ano literário de 1982 em Portugal”, *Colóquio/Letras*, 72, Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, Março.
- (1987) “O viajante do inverso”, *Colóquio/Letras*, 96, Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, Março.
- Colóquio/Letras* (1985), 88, Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, Novembro.

- CRESPO, Angel (1985) “El paganismo y el problema de los heterónimos en el *Livro do Desassossego*”, in *Actas do 2º Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos*, Porto, Centro de Estudos Pessoaanos.
- FAUCHEREAU, Serge (1972) *Expressionisme, Dada, Surréalisme et autres Ismes*, 2 vol. Paris, Denoël.
- FEIJÓ, António M. (1999) “Fernando Pessoa’s odd epic”, in *A Revisionary History of Portuguese Literature*, ed. Miguel Tamen e Helena Carvalhão Buescu, Nova Iorque/ Londres, Garland.
- (2013a) “Prefácio” a Pedro Sepúlveda, *Os Livros de Fernando Pessoa*, Lisboa, Ática.
- (2013b) “The birth of literature”, in *Fernando Pessoa’s Modernity without Frontiers*, org. Mariana Gray de Castro, Woolbridge, Tamesis. Reed. Feijó, 2015.
- (2015) *Uma Admiração Pastoril pelo Diabo: Pessoa e Pascoaes*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- GARCIA, José Martins (1985) “Os géneros literários e o *Livro do Desassossego*”, in *Actas do 2º Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos*, Porto, Centro de Estudos Pessoaanos.
- JACKSON, Kenneth David (2014) “O *Livro do Desassossego* e o *Journal Intimé*”, in *Central de Poesia: O Livro do Desassossego*, org. Patrícia Soares Martins, Golgona Anghel e Fernando Guerreiro, Lisboa, Esfera do Caos.
- LACQUE-LABARTHE, Philippe, e NANCY, Jean-Luc (1978) *L’Absolu Littéraire: Théorie de la Littérature du Romantisme Allemand*, Paris, Seuil.
- LOURENÇO, Eduardo (1985) “O *Livro do Desassossego*, texto suicida”, in *Actas do 2º Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos*, Porto, Centro de Estudos Pessoaanos.
- (1993) “O *Livro do Desassossego*, texto suicida?”, in *Fernando, Rei da Nossa Baviera*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- MARGARIDO, Alfredo (1985) “Bernardo Soares: *escrever é existir*”, *Colóquio/Letras*, 88, Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, Novembro.
- MARTINHO, Fernando J. B. (1985) “Pessoa em abismo nos anos 80”, *Colóquio/Letras*, 88, Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, Novembro.
- MARTINS, Fernando Cabral (2000) “Editar Bernardo Soares”, *Colóquio/Letras*, 155/156, Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, Janeiro.
- (2014a) *Introdução ao Estudo de Fernando Pessoa*, Lisboa, Assírio & Alvim.
- (2014b) “O *Livro do Desassossego* e a escrita heteronímica”, in *Central de Poesia: O Livro do Desassossego*, org. Patrícia Soares Martins, Golgona Anghel e Fernando Guerreiro, Lisboa, Esfera do Caos.
- MARTINS, Wilson (1982) “A sacralização de Pessoa”, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 de Julho. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_10/46060](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_10/46060) [consultado em Setembro de 2018].
- MUSIL, Robert (1952) *O Homem sem Qualidades*, 2 vol., trad. Mário Braga, Lisboa, Livros do Brasil.

- PATER, Walter (1889) *Appreciations, with An Essay on Style*, Londres, Macmillan and Co.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla (1983) “O lixo/luxo de Bernardo Soares”, *Persona*, 8, Porto, Centro de Estudos Pessoaanos, Março.
- (1985) “A psicologia das figuras artificiais”, *Colóquio/Letras*, 88, Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, Novembro.
- PESSOA, Fernando (1982) *Cartas de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões*, prefácio, posfácio e notas do destinatário, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- (2000) *Heróstrato e a Busca da Imortalidade*, ed. Richard Zenith, trad. Manuela Rocha, Lisboa, Assírio & Alvim.
- (2015) *A Estrada do Esquecimento e Outros Contos*, ed. e trad. Ana Maria Freitas, Lisboa, Assírio & Alvim.
- RUBIM, Gustavo (2000) “Livro: o único, o múltiplo e o inexistente”, *Colóquio/Letras*, 155/156, Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, Janeiro.
- SARTRE, Jean-Paul (1938) *La Nausée*, Paris, Gallimard.
- SEARCH, Alexander (1999) *Poesia*, ed. e trad. Luísa Freire, Lisboa, Assírio & Alvim.
- SENA, Jorge de (1984) *Fernando Pessoa e C<sup>a</sup> Heterónima (Estudos Coligidos 1940-1978)*, Lisboa, Edições 70.
- SEPÚLVEDA, Pedro (2012) *Os Livros de Fernando Pessoa*, Tese de Doutoramento, Lisboa, Universidade Nova.
- (2013) *Os Livros de Fernando Pessoa*, pref. António M. Feijó, Lisboa, Ática.
- SILVESTRE, Osvaldo Manuel (2014) “O que nos ensinam os novos meios sobre o Livro no *Livro do Desassossego*”, *MATLIT: Materialidades da Literatura*, [s.l.], v. 2, n. 1, Novembro. Disponível em <http://impactum-journals.uc.pt/matlit/article/view/1818> [consultado em Setembro de 2018].
- SIMÕES, João Gaspar (1985) “O *Livro do Desassossego*, um falso ‘diário íntimo’”, in *Actas do 2º Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos*, Porto, Centro de Estudos Pessoaanos.
- SOARES, Bernardo (1998) *Livro do Desassossego*, ed. Richard Zenith, Lisboa, Assírio & Alvim.
- ZENITH, Richard (s/d) “*Livro do Desassossego*: o romance possível (*var.*: impossível)”, *Actas do III Congresso Internacional Fernando Pessoa*. Disponível em [http://www.congressointernacionalfernandopessoa.com/comunicacoes/richard\\_zenith.pdf](http://www.congressointernacionalfernandopessoa.com/comunicacoes/richard_zenith.pdf) [consultado em Setembro de 2018].